da praça da igreja acho que nem deus vê o mar

da PRAÇA *da* IGREJA *acho que nem* DEUS *vê o* MAR

DIOGO BRUNNER

MOINHOS

© Moinhos, 2017.
© Diogo Brunner, 2017.

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão:
LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e
a vontade de escrita dos poetas.

B897d
Brunner, Diogo | Da praça da igreja acho que nem deus vê o mar
ISBN 978-85-92579-78-4
CDD 869.93
Índices para catálogo sistemático
1. Romance 2. Literatura Brasileira I. Título

Belo Horizonte:
Editora Moinhos
2017 | 164 p.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Moinhos
Belo Horizonte — MG
editoramoinhos.com.br
editoramoinhos@gmail.com

PARTE 1

1.

Uma cerveja sozinho. Acho que algumas respostas moravam ali naquele recipiente tão característico. Morava ali meu ponto de inflexão — todo mundo, uma hora ou outra, acaba dando de frente com seu ponto de inflexão, ou não, mas até isso já diria muita coisa. Pensava em todos meus amigos, pensava neles reunidos ao redor de uma mesa de comida, bebida, conversa fácil. Essa imagem se formava e ficava na minha cabeça, eu pedia mais uma cerveja, mais uma e mais uma, incansavelmente. A própria imagem não dizia nada entre o ficar ou o partir – ou realmente não sabia, era uma imagem, e só. Talvez nessa inflexão foi que a ficha finalmente deu de cara com seu buraco correto: a imagem estaria ali quando eu precisasse dela, era só evocá-la na cabeça, era só esquecer o que parecia imutável e mesmo uma cabeça bagunçada daria conta dessa tarefa. Senti uma espécie de segurança mesmo sem ter a total consciência disso. Uma sensação que já havia buscado, em outras travessas, em outros becos, com diferentes níveis de sucesso. Na verdade, de fracassos. Tomei pauladas, pancadas, socos no estômago, tudo da minha própria sombra, que parecia implorar por calma, por tranquilidade, permanência, paciência ou qualquer outra coisa que fosse nesse sentido. Fazia sentido.

Fiquei ali, sentado entre o conforto e o descrédito. Obviamente que um pequeno momento de entendimento sobre os "caminhos da vida" não significava muita coisa. Aliás, diante da vastidão de caminhos, tudo aquilo poderia ser apenas uma piada ou um simples

devaneio provocado pelo calor e pelas cervejas. Seu Zé, dono do bar, gostava de puxar papo, mas, ao mesmo tempo, ele sabia dos momentos em que eu estava procurando silêncio. O silêncio tinha muito a ver com aquela atmosfera, com a ideia de partir mais uma vez, com a insegurança e o temor da saudade. O medo da ideia, que sempre assombrava, de estar apenas fugindo, de novo, e de novo. Mesmo sabendo que dessa vez as sutilezas deixavam escapar algo diferente, algo intraduzível, pra dentro. Acho que é um tipo de sensação dessas raras, que provavelmente vamos experimentar pouco na vida, e não tem nada a ver com euforia, tem a ver com algum tipo de certeza de estar fazendo a coisa certa. E isso já é coisa pra caralho.

Finalmente Seu Zé se aproximou, comentou do tempo quente, coçou o queixo, olhou para os dois lados da rua.

— Bom pra tomar uma cerveja mesmo, né — disse ele.

— Tô pensando em viajar, Seu Zé.

— Mas de novo?

— Pois é, acho que eu ainda não fui longe o suficiente.

— Ah, moleque, vê se sossega, já foi longe, sim, não vai abandonar nós aqui muito tempo, hein.

Essa nesga de diálogo teve um tom tão informal, tão próximo, quase fraternal, que pedi outra cerveja meio que querendo agradá-lo. Mostrar que eu me importava, e eu de fato me importava. Essas pequenezas do cotidiano sempre me foram muito caras. Por isso tinha medo desse "muito tempo" do Seu Zé. Eu não sabia o que era muito tempo. Eu só conseguia sentir esse tempo na vivência, na saudade que te pega desprevenido debaixo do chuveiro. Não saberia, novamente, calcular e dizer ao Seu Zé (e a ninguém, nem a mim mesmo) quanto tempo as coisas durariam. Se algo daria certo. Se o fracasso se cansaria e, finalmente, soltaria minhas mãos. A parte ruim do fracasso, pelo menos. A outra parte eu conservaria feliz. A outra parte, a boa, te faz humilde, pés firmes no chão — a cabeça pode viajar, mas os pés precisam estar firmes na terra.

Tomei aquela última cerveja em meio às conversas sobre futebol, política local, economia, fiados, fregueses rabugentos. Nos despedimos. Não sei se ele lembrou do papo da viagem. E nem eu tinha mais condições de dizer algo. Saí dali sem a menor ideia de quando sentaria naquela esquina novamente. Esse tipo de coisa

me deixava feliz, mesmo que um pouco angustiado; a incerteza, essa bigorna descontrolada balançando violentamente de um lado para o outro. E o tempo começou a virar, um vento atravessado, nuvens pesadas e eu afundei ainda mais numa espiral de contrários. Não esperaria mais por provisões celestes ou por uma ideia genial e isso de alguma forma me atormentava. Esperar é mais cômodo. E acho que isso me dava frio na barriga. E acho que isso me fazia feliz. Momentaneamente feliz. A chuva despencou com alguma virulência. Fazia sentido. Arrastou aquela tarde quente. Me arrastou também. Casa. Mesmo que não por muito tempo. Mesmo que temporária. Mesmo que uma casa do futuro.

2.

Acho que a questão toda sempre girou um pouco em torno da ideia do "ganhar a vida". Como se a vida já não fosse nossa, como se apenas através do trabalho teríamos o direito de gozar. Eu tinha essa expressão do "ganhar a vida" como algo bastante vil. Pra mim funcionava como uma espécie de lema ao contrário, algo desonesto mesmo, a não seguir, mesmo que eu não estivesse alheio à centralidade do trabalho e do dinheiro — essa nuvem de pesadelos que paira sobre nossas carcaças. Depois de algumas experiências, minha cabeça passou a — imagino que quase como um sistema de defesa — construir uma forma de lidar com isso de uma maneira menos violenta. Na ideia. Eu não ficaria preso a uma coisa que me fizesse mal. Eu não me faria um mal deliberado, pelo menos não por esse lado. Uma ideia de liberdade em comum com os que me eram próximos, mesmo que distantes. No fim, uma ideia comum.

As despedidas, debaixo das asas da ressaca, são sempre as piores, eu sabia disso e não me controlei, muito menos fui pra casa. Depois de me despedir do Seu Zé, fui ver uma antiga companheira.

Se chamava Ana.

Quando me olhou no portão, através da janela da sala, Ana me fitou por alguns segundos até sair no quintal.

— Que você tá fazendo aqui? Não sei se penso em coisas boas ou em problemas. Você lembra que quando nos vimos pela primeira vez você me veio com um livro do Baudelaire? Era *O spleen de Paris*, quem faz isso num primeiro encontro? — Ana era assim, falava por

cima dela mesmo, e, abrindo o portão, continuou — Mas vamos lá, diz, o que foi agora?

— Tô caindo fora — respirei —, eu sei, de novo. Mas dessa vez é diferente, minha vida tá parada, as coisas não estão acontecendo e eu pensei, na verdade, pensei do nada, que eu tinha que colocar as coisas em movimento e é isso que eu vou fazer — omiti um dos motivos principais sobre o porquê de eu estar indo embora, acho que simplesmente não queria falar, ainda não era hora de espalhar sinceridades por aí.

Ela riu, me abraçou, disse para entrarmos. Sentei no sofá e ela foi até a cozinha buscar um vinho, sugeriu que talvez precisássemos.

— E pra onde você vai? — Quis saber.

— Tenho algumas ideias, talvez uma delas mais concreta, mas você entende se eu não falar, né? Sei lá, acho que é um tipo de superstição não dizer o destino. Ou é só uma bobagem sobre manter o mistério. Mas, enfim, não vim aqui ficar falando apenas de angústias.

Ana olhou bem nos meus olhos.

— Vou sentir saudades, sério, era bom saber que você estava por perto, mesmo que a gente não se visse tanto — disse ela.

Tentei contornar aquilo, não queria entrar naquele perigoso terreno sentimental, creio que nem ela.

— Eu acho que sempre tive saudades de você — eu disse e logo em seguida desviei o olhar. — Mas que história é essa do Baudelaire? Até onde eu sei você sempre adorou Baudelaire. E mesmo naquele dia, lembro de você ficar com os olhos brilhando quando te mostrei o livro — tentei mudar de assunto.

— Sim, brilhando, devia ser porque eu tava quase chorando. Mas é brincadeira, claro que eu gostei. Só que a passagem que você grifou e pediu para eu ler nunca mais saiu da minha cabeça.

— Até parece, você lembra até hoje? Então diz aí, qual foi? — perguntei, desconfiado daquela memória elefântica.

Ana levantou do sofá e seus gestos, agora afetados, demonstravam que ela montava um personagem para declamar o suposto trecho. Ana adorava bancar a atriz, acho que sempre tinha gostado. Normalmente nossas conversas eram transformadas numa grande peça de teatro, parávamos quase sempre em cima da mesa, do sofá, na cama, no chão.

E, moldando uma voz forte, Ana recitou: "Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão, tampouco sabe estar só em meio a uma massa atarefada".

— Caralho, e você lembra mesmo, eu não lembrava, confesso, mas continua sendo uma passagem poderosa.

— Tanto que não esqueci — disse Ana, que agora desmontava o personagem e se servia de mais vinho.

Saí de lá muito tarde, mal dormi, caí direto para as despedidas, pessoas, lugares, não foi tão difícil como um dia já tinha parecido. Acho que nas despedidas rola uma coisa de adrenalina, você fica ali prestes a explodir, mas ao mesmo tempo tem outra coisa acontecendo que te faz querer sair correndo. Ir adiante. É um momento onde nada preza muito pela racionalidade. Eu sabia do que sentiria falta e sabia mais ou menos os momentos que isso aconteceria. Eu sabia — ou imaginava saber — onde estariam as dores mais agudas, e isso não era bom — definitivamente. A história do fugir tá ligada diretamente em conhecer e saber de certas coisas, de certos segredos obscuros. No final, você acaba ansiando por um tipo de ignorância. Você não aguenta mais saber.

As despedidas são momentos desconexos.

Ou era o que eu pensava naquele momento, já não sei com exatidão.

E eu fui. De novo.

3.

Eu já tinha pegado a estrada de vários jeitos e tinha na minha bagagem essa porrada de clichês, alguns já meio apodrecidos — quase uma questão temporal essa coisa toda, uma necessidade de atualizar experiências.

Peguei um ônibus, simples, mas é incrível como hoje em dia até o ônibus mais simples é todo envidraçado e você tem que ficar lá jogado e trancado dentro da porra de um aquário. Lembrei dos ônibus antigos, de janelões escancarados, a fumaça dos cigarros temperando o ar. Nostalgia típica do momento, mas, claro que me lembrei, para além de tudo isso, dos cigarros. O inferno. Nada poderia ser pior do que voltar para a estrada sem cigarros. Minha nicotina psicológica continuava em frangalhos quatro meses depois de terminarmos uma longa relação. Um amigo me deu uma carona até a rodoviária e ele também não entendia nada.

— Mas, véio, vai pra onde agora? Não entendo você, qual é o problema em ficar parado, em estabelecer a vida num lugar só? — Disse ele.

Pra todo mundo era como se não fizesse sentido uma nova partida. Nunca fazia. Agradeci a carona, disse que cada um vive de um jeito, soltei um "até breve" e bati a porta. E foi esse o último som que ouvi, a batida de uma porta, já quase na plataforma, rumo a um outro lugar, Goitacá, onde não se olha para o alto. Era uma fuga numa semi escuridão, eram as pessoas, sempre, as pessoas que me interessavam, era a forma como se manifestavam, era a historia, a

que possuíam, a que narravam, a que viviam, a que fingiam, e aí o lugar é só mais um, mesmo que entre tantos ele seja o escolhido, o lugar era só mais um, e poderia ser outro.

Juntei as paradas essenciais para aguentar as horas que viriam pela frente, alguns livros (não era possível pesar demais a mochila) e uma *playlist* nova no velho tocador de mp3. Coisas variadas. Espaços vazios para serem preenchidos. Agora eu estava prestes a enfrentar os ataques inconscientes que viriam pela frente, rescaldos de culpa, porque você começa a sair do lugar, mas sua cabeça continua querendo ficar lá, um apego que aparentemente nunca passa, um guerreiro com uma grande espada na mão te fitando de forma ameaçadora.

Acho que seria necessário pensar sobre rompimento, mas naquele momento meu parceiro de poltrona estava emitindo um som que parecia indicar que o privilégio do rompimento, naquela hora, era dele, um barulho que lembrava o caos. De alguma forma aquilo aliviava, tinha medo de conversas entre parceiros desconhecidos de poltrona, invariavelmente elas me faziam querer cortar os pulsos, ou algo parecido, me entediavam mortalmente.

Pela janela eu só conseguia enxergar as luzes — que em muitos trechos se apagavam completamente — e as marcas no asfalto, luzes, escuridão, e marcas no asfalto, uma constância sonolenta. Pensava o tanto de entulho que eu tinha retirado para dar esse passo. Não adianta você ir, você tem que ir longe, ir nas beiradas. Tocar o mar ou subir as montanhas. Goitacá, mar, montanha. Deixei aquilo ir se construindo enquanto observava a música que fluía nos meus ouvidos, comecei a imaginar a vida nova, a conspirar. Não tinha deslumbre, tinha mais é receio. A parada de fazer a coisa certa, de andar do lado certo da calçada. Acho que acabei adormecendo, mesmo ao lado do caos, e mesmo sentindo que o motorista daquele ônibus tinha tomado algum estimulante, de origem ilegal, provavelmente.

Com a primeira nesga de claridade pedi licença ao parceiro, que agora não era mais caos, parecia mais com alguém que ainda não acordou de fato, fui ao banheiro. Acho que ainda tínhamos umas duas horas de viagem, eu já estava psicologicamente cansado, tentei ler um pouco, mas não conseguia me concentrar. O ônibus encostou na rodoviária perto das dez da manhã — vinte e três

graus e uma brisa leve. Recolhi meus pertences, desci e peguei um café. Faltava o cigarro, sempre. O baseado quebrava o galho, mas o cigarro era foda. Acho que por muitos minutos eu não soube o que aconteceu. Devia ser cansaço, fiquei num estado catatônico, entrei em outra realidade. Pensei em Eva. Quando ela chegasse as coisas se completariam. Talvez até clareassem. Eva era uma linda mulher. Eu era só um maluco inseguro querendo sentir frio na barriga.